

Universidade Federal da Bahia

Faculdade de Comunicação

Habilitação em Jornalismo

Baía de Iguape: construindo uma Reserva Extrativista

Memória apresentada a Banca Examinadora
para avaliação do TCC, como exigência para
conclusão do Curso de Comunicação
Habilitação em Jornalismo da FACOM/UFBA,
sob orientação da Prof^a Dr^a Simone Bortoliero.

2006.1

Sumário

Introdução.....	3
1. Justificativa.....	6
2. Aspectos Teóricos.....	9
2.1 COMUNICAÇÃO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	9
2.2. Mídia e Meio Ambiente.....	13
3. 1. Características do vídeo: educativo e documental	16
3.2. Pesquisa temática	20
3.3. Produção: do roteiro à edição final.....	21
4. Considerações finais.....	24
5. Referências Bibliográficas	27
Anexos	29
Roteiro	29

Introdução

Minha trajetória acadêmica iniciou-se com meu ingresso no hoje Programa de Ensino Tutorial - PET (até o ano de 2005 se chamava Programa Especial de Treinamento). Ali tive meu primeiro contato com uma leitura mais aprofundada e com a realização de pesquisas acadêmicas. Quando sai do PET meu objetivo era buscar uma prática profissional mais próxima da prática jornalística e mais engajada com os problemas estruturais pelos quais passa nossa sociedade.

Na disciplina Jornalismo Especializado, que abordava o Jornalismo Científico e questões ambientais, realizei filmagens na Ilha de Itaparica denunciando o desaparecimento do pescado na região, pesquisando também sobre a cultura local. Trabalhei no 8º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico como monitora e na cobertura audiovisual do evento tendo um contato mais aprofundado com os profissionais e com as discussões dentro desse campo. Também fui monitora da oficina “Divulgação Científica – Repórteres Científicos Mirins” na I e II Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, aí exercitando a relação entre o vídeo e a educação. Foi na disciplina “Telejornalismo” onde desenvolvi meu primeiro trabalho dentro da faculdade abordando problemas ambientais, em uma matéria investigativa sobre a contaminação por chumbo na cidade de Santo Amaro.

Mas essa trajetória dentro da universidade tem sua origem em uma sensibilização para a questão ambiental que se deu também através de experiências não acadêmicas. Não foi também através da mídia que passei a perceber a emergência e um pouco da abrangência dos problemas ambientais na nossa sociedade. Tive meu primeiro contato literário com essa questão no livro de Eduardo Galeano *As veias abertas da América Latina*.

Das idéias do livro duas ficaram marcadas. Em primeiro lugar, o autor denuncia a impossibilidade do planeta suportar uma real democratização do padrão de vida consumista, com eletrodomésticos como fogão, geladeira e televisão, generalizado como único padrão de vida possível. Em segundo, mostra a história da exploração da América Latina por organizações internacionais em uma divisão de benefícios com o poder público.

Quando percebi a proximidade da primeira idéia de Galeano da minha realidade senti um certo estranhamento, olhei ao meu redor e percebi como dependia de diversos tipos de eletrodomésticos dentro da minha casa e em outros ambientes para realizar funções básicas como alimentação e vestuário.

Não obstante a exploração da América Latina ser um fato conhecido, ensinado como conteúdo programático no Ensino Médio, foi trabalhando na cobertura do caso de contaminação por chumbo da cidade de Santo Amaro pela empresa francesa Peñarroya que percebi a dimensão da denúncia de Galeano. A exploração de ouro, prata, pau-brasil, cana-de-açúcar atualizou-se no mercado internacional em monoculturas como a da soja – na Amazônia e no Cerrado; pastos para a criação do chamado gado verde, com mercado garantido no Mercado Comum Europeu; na exploração de madeira, metais, minerais e matéria-prima para as indústrias em geral.

Essas empresas internacionais se expandem também na exploração de serviços básicos e tecnológicos, onde cabem coisas díspares como os sistemas de telefonia e a construção de hidrelétricas. Na Bahia, pode-se perceber a presença dessas empresas no Pólo Petroquímico em Camaçari, no caso de Santo Amaro onde a Peñarroya se instalou durante vinte anos, deixando um passivo ambiental de 400 mil toneladas de escória com chumbo contaminante, e também na Baía de Iguape, com o aproveitamento elétrico da Barragem Pedra do Cavalo pela Votorantim, um conglomerado multinacional que envolve atividades

em diversos campos como energia, cimentos, papel e celulose, finanças, agroindústria, entre outros.

O descomprometimento destas empresas que estão espalhadas pelo planeta e não parecem se importar com a saúde das populações e do ambiente em detrimento do seu lucro, e do poder público que negocia as concessões entregando os bens naturais, a força de trabalho e de consumo de seus países a esses conglomerados, resulta nos danos ambientais e sociais que vemos na mídia e na nossa realidade. São inúmeros os casos de contaminação no Brasil e na América Latina. São casos como o da Indústria de Acumuladores de Ajax, fábrica de baterias automotivas para exportações que contaminou com chumbo a cidade de Bauru (SP); da Acumuladores Moura S.A., uma das maiores fabricantes de baterias para veículos do país, instalada em Belo Jardim (PE), acusada de contaminar trabalhadores, solo e água também com chumbo; da empresa alemã Bayer S.A. que inaugurou em 1958 o maior complexo industrial na América Latina, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense (RJ), acusada de contaminar o rio Sarapuí com ascarel e metais pesados – como chumbo e mercúrio, originados na incineração de substâncias poluentes, entre outros inúmeros casos.

Já com esse interesse por temas ambientais, em 2005 houve a possibilidade de realizar um trabalho através de uma parceria entre o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA/Bahia) e o Laboratório de Televisão e Vídeo da Faculdade de Comunicação (FACOM/UFBA) iniciado também neste ano. Trata-se do início de uma série de trabalhos que poderão ser realizados no sentido de captação de recursos para o Laboratório, onde os estudantes da FACOM, através de bolsas destinadas pelo IBAMA, poderão conhecer a realidade dos problemas ambientais no estado da Bahia e através destas experiências consolidar um aprendizado no campo da comunicação para a educação ambiental.

1. Justificativa

Desta forma, entre tantos problemas ambientais no estado, resolvemos, conjuntamente com o Ibama, abordar no Projeto de Conclusão de Curso um aspecto ainda recente no Brasil, como a necessidade de entendermos o significado das Reservas Extrativistas Marinhas, já que a Bahia possui o maior litoral do país e vivem neste entorno várias comunidades pesqueiras com baixos níveis de escolaridade.

O local escolhido foi a Baía de Iguape que é formada pelo estuário do Rio Paraguaçu, onde o rio que nasce na Chapada Diamantina se encontra com a Baía de Todos os Santos.

O Recôncavo, região de Iguape, liderou a produção de açúcar ao lado de Pernambuco, quando o Brasil era um dos maiores países exportadores do mundo e durante algum tempo sustentou a economia da capital do Brasil, Salvador, com produtos que eram descarregados no porto de Cachoeira. Com a chegada de Tomé de Souza em sua primeira “expedição civilizadora”, os índios que habitavam a região foram dizimados. A estrutura escravagista se formou para a exploração da cana-de-açúcar e hoje a cultura do Recôncavo é marcada pela tradição negra; pouco ou nada sobrou dos índios. A capoeira, o candomblé, o uso de dendê na culinária, o samba de roda, conhecidos como símbolos de baianidade, têm origens fortes nessa região. Mas as riquezas dessa terra, o solo massapé, o pescado, as águas, parecem ter resultado, em analogia com o resto do país, em uma história de exploração, com pobreza para o povo e benefícios de aristocracias, seja a canavieira ou a industrial.

O problema atual

A Barragem Pedra do Cavalo foi construída em 1985 com o objetivo de conter as enchentes que atingiam as cidades de Cachoeira e São Félix, além de ajudar no fornecimento de água para a região metropolitana de Salvador (hoje cerca de cinquenta por cento da água da região provém do Rio Paraguassu) e ser usada futuramente para a produção de energia elétrica. Com a implantação da Votorantim em 2005 iniciou-se o aproveitamento elétrico da Barragem.

A Votorantim recebeu seu aval para o funcionamento sem que tenha sido feita uma pesquisa aprofundada sobre os efeitos da mudança do fluxo de água no meio ambiente da região. A obra prejudicou diretamente as populações ribeirinhas que habitam a região do rio posterior a Barragem. Não foram feitas as devidas análises para avaliar como o funcionamento da Hidrelétrica e seu calendário próprio de represamento e liberação da água doce afetariam a natureza da região. A morte de peixes e mariscos devido ao desequilíbrio da salinidade da água, o entulhamento do rio, com a descida de areia das cabeceiras, são as principais queixas da população ribeirinha, que tem na pesca a principal fonte de renda.

Não obstante a existência desses problemas pelos quais passam a população de Iguape e outras comunidades – há hoje no Brasil cerca de 330 mil pessoas que já foram desalojadas de suas terras devido à construção de hidrelétricas, e que nunca mais foram reassentadas, as hidrelétricas têm grande importância no cenário energético brasileiro, ao lado de outras práticas também pouco sustentáveis. Como por exemplo, a queima de combustíveis fósseis que causa a emissão de gases, principalmente o dióxido de carbono (CO₂), aumentando o efeito-estufa e trazendo ameaças como o derretimento das calotas polares (as previsões são que, mantidas as emissões atuais, nas próximas cinco décadas

todo o gelo da Groenlândia poderá desaparecer), como a elevação do nível do mar e o alagamento de áreas costeiras e ilhas, como ameaça aos ecossistemas dos recifes de corais, mangues, florestas tropicais e boreais, pradarias e savanas, incluindo a extinção de espécies animais e vegetais. A energia nuclear, alternativa vislumbrada pelo governo brasileiro, além de fornecer o risco de um desastre ecológico, caso haja algum acidente, deixa um passivo ambiental de resíduos nucleares altamente poluentes.

A prática de formas alternativas limpas de aquisição de energia não está difundida no Brasil. Não há políticas de incentivo para o desenvolvimento de fontes de energia consideradas limpas e renováveis, aquelas que são resultado do aproveitamento de recursos naturais como o sol e os ventos, ou de resíduos como restos agrícolas ou lixo orgânico – geração de eletricidade a partir da biomassa (madeira, álcool, óleos vegetais, restos agrícolas, esterco de animais ou resíduos domésticos e industriais). Atualmente alternativas como as pequenas centrais hidrelétricas de área alagada inferior a 3 km² estão sendo vistas como possibilidades para a geração de energia sustentável. Em comparação com as grandes hidrelétricas, elas causam um menor impacto ambiental e volume de investimentos. Os grandes reservatórios alteram a quantidade e a frequência das chuvas, a temperatura média local e a umidade relativa do ar. Além disso, emitem, devido à decomposição da vegetação submersa, consideráveis quantidades de metano. Mas o potencial estimado das grandes hidrelétricas, o número de barragens já construídas e o conhecimento acumulado por especialistas ao longo dos anos faz com que o preço da energia hidrelétrica seja muito baixo, apesar de seus impactos sociais e ambientais.

Além de ajudar na difusão destas informações sobre os problemas causados por essas estruturas pouco sustentáveis que são as grandes hidrelétricas, o objetivo do presente trabalho é produzir um vídeo com características educativas, o qual a comunidade possa

utilizar para debater questões e conceitos que vêm sendo abordados pelo IBAMA na região. Configura-se numa possibilidade a mais de diálogo e reflexão entre a comunidade e uma instituição governamental. O trabalho consiste afinal em um vídeo educativo-documental sobre o que vem a ser uma Reserva Extrativista Marinha e como a comunidade vê os problemas ambientais que a cercam.

2. Aspectos Teóricos

2.1 Comunicação e a Educação Ambiental

“A comunicação e a educação são, na verdade, as mais altas expressões das artes da paz”. (Projeto de Educomunicação Ambiental, 2006, p 7)

Uma abordagem abrangente da crise ambiental já se tornou comum entre os ambientalistas. Parece impossível separar essa crise dos processos sociais e históricos que formaram nossa sociedade e da relação que o homem contemporâneo tem com a natureza.

A partir da Revolução Industrial, século XVIII, o capitalismo inaugurou uma nova relação da sociedade com seu outro, a natureza. O conceito de natureza que adotamos, elaborado ao longo da história, fundamenta-se na separação cartesiana entre o homem e meio ambiente, entre o homem e o mundo, distanciamento que resulta na certeza humanista de poder e domínio sobre seu outro. Essa separação teria seu análogo no passo entre ciências humanas e naturais (Gonçalves, 2002).

A Ecologia considera necessário desconstruir essas dicotomias no caminho para a criação de uma sociedade sustentável: “A ecologia profunda não separa o homem do meio

ambiente; na verdade, não separa nada do ambiente” (Capra, 2005, p 21). Precisa-se mudar os fundamentos dessa relação que é entendida como histórica e não ontológica – foi preciso uma série de condições sociais, políticas e culturais para que passássemos a encarar isso como natural. A valorização dos bens capitais e a generalização da compra e venda de mercadorias como principal mediação social, ou seja, economia como base do processo social, é uma aquisição histórica, com suas limitações enquanto padrão de socialização:

(...) nosso projeto civilizatório não é o único nem tampouco o melhor. Trata-se apenas de um projeto civilizatório que, se de um lado colocou a questão da universalidade do ser humano, demonstrou, também, que o social-histórico é instituído e, portanto, pode ser reinstituído, reinventado pela história concreta dos homens. Em suma, se todo esse complexo ideológico-tecnológico que construímos é patrimônio da humanidade, também o são outros sistemas de pensar, sentir e agir (Loureiro, 2003, p 34-35)

O movimento ecológico questiona o modo de vida instituído a partir da perspectiva científica-filosófica-política apontando para a falibilidade das soluções científicas para os problemas do mundo, pois, na ciência, o objeto de investigação não é a natureza em si mesma, mas a natureza submetida à interrogação dos homens. A sociedade cientificista e antropocêntrica afeta a natureza ao submetê-la à produtividade do homem, e afeta a prática social de uma maneira mais ampla, pois “Não há dominação da natureza que não seja, ao mesmo tempo, dominação do homem pelo homem” (Loureiro, 2003, p 34). Por isso a emergência da construção de um processo social sustentável não diz respeito apenas à conservação do meio ambiente, mas também a uma sustentabilidade social.

Na compreensão desses valores históricos e sociais e da necessidade da construção dessa sustentabilidade a Educação e a Comunicação têm um papel importante. Por isso a

preocupação com a construção de uma política da educação e com a forma como a mídia aborda as questões ambientais. A construção de uma política de educação e comunicação que ajude na conscientização para a construção de uma sociedade sustentável é o objetivo do *Programa de Educomunicação Socioambiental* do Ministério da Educação/Governo Federal:

“uma política que não responda apenas às demandas de governo, mas ao refletir uma construção participada, fale diretamente aos governos locais e estaduais, à sociedade civil, em especial ao meios de comunicação, como um referencial de práticas de comunicação educativa ambiental.” (Projeto de Educomunicação Ambiental, 2006, p 5)

Não parece existir na formação histórica do Brasil esse referencial de práticas de comunicação e de educação ambiental. Na *Carta da Terra*, escrita no ano de 1992, na ocasião do Eco Rio 92, busca-se também integrar na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável. Para isso torna-se necessário “Intensificar o papel dos meios de comunicação de massa no sentido de aumentar a sensibilização para os desafios ecológicos e sociais” (Projeto de Educomunicação Ambiental, 2006, p 11).

Consciente da influência dos meios de comunicação de massa na formação cultural e moral da sociedade, a utilização da comunicação para a Educação Ambiental é uma forma de direcionar esse potencial educativo da comunicação para a construção de uma sociedade sustentável, ajudando a edificar estruturas sociais. Mas “Não há comunicação plena sem consciência educativa, e nem educação plena sem instrumentalização comunicativa”

(Projeto de Educomunicação Ambiental, 2006, p 7). Assim a dimensão social e comunitária da educação deve trabalhar junto com potencial formador dos meios de comunicação.

A compreensão pedagógica do processo de conscientização de um indivíduo chegou à conclusão de que consciência não pode ser imposta a alguém, ela é resultante de uma compreensão adquirida em um processo de vida, composto por conhecimentos pragmáticos e teóricos advindos das diversas fontes de saberes que um indivíduo entra em contato em sua vida, como instituições de ensino, experiências pessoais, na presença de atores como família e amigos, e meios de comunicação. É através de uma mudança gradual nos valores inculcados nesses processos que se pode realizar um trabalho consistente de conscientização. A práxis educativa pode ajudar na construção de valores, habilidades e atitudes capazes de possibilitar o entendimento da realidade e a atuação de atores sociais no ambiente, contribuindo para a implementação de uma nova ética da relação do homem com a natureza:

“A educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político, baseado em valores para a transformação social. A educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar” (Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, p 2)

Este processo não precisa ser estratégico, como utilizado pela publicidade, “uma estratégia, como vimos, volta-se sempre primeiramente ao interesse de quem a traçou”, mas dialógico, buscando compreender as vozes das comunidades: “o centro dos esforços da ação comunicativa é o diálogo, é abrir, promover, ampliar o espaço do diálogo, da forma

mais permanente possível, e nesse esforço ver emergir o horizonte da educação” (Projeto de Educomunicação Ambiental, 2006, p 7).

Segundo o Programa de Educomunicação Socioambiental parte do potencial educador da comunicação reside na instrumentalização do Testemunho, da Argumentação e da Mobilização (Projeto de Educomunicação Ambiental, 2006, p 8). A utilização desse potencial no vídeo com os depoimentos da comunidade, a argumentação através da edição desses depoimentos e do uso do texto off, e o incentivo à mobilização têm como objetivo sensibilizar para uma visão geral da realidade e para a possibilidade da construção de uma ação social transformadora, ajudando na produção de conhecimento e na gestão dos conflitos de uma sociedade civil fragmentada sem participação, com o Estado, as instituições privadas e o meio ambiente.

1.2. Mídia e Meio Ambiente

O poder da mídia devido a sua onipresença e sofisticação é inquestionável. As informações veiculadas pelos meios influenciam na construção de uma filosofia de vida, na formação de valores morais e religiosos. Mas elas provêm, em sua maioria, das mesmas agências de notícias. Essa é só uma das limitações da cobertura das questões ambientais pela mídia.

A conotação política e econômica dos problemas ambientais tais como equilíbrio da balança internacional, agricultura, pecuária, políticas econômicas, convênios internacionais fundamenta muitas vezes a parcialidade dos meios, resultando em uma abordagem muitas vezes sensacionalista e superficial que não ajuda a desenvolver uma conscientização

política e ambiental das pessoas. Ao reduzir a abrangência dos problemas, a mídia acaba jogando a responsabilidade no cidadão e apontando para políticas paliativas, como a reciclagem.

O jornalismo também deve ser claro e objetivo, fugindo dos jargões acadêmicos científicos, sem se tornar demasiadamente didático ou simplório. Uma abordagem simplória é problemática porque ela reduz a abrangência do problema e também porque nenhum espectador adulto gosta de ser tratado como ignorante ou como criança. É necessário buscar uma linguagem leve e um conteúdo rico, sem exigir muito conhecimento do público nem pressupor que ele não o tenha. Esse equilíbrio deve ser buscado pensando-se no destino e utilização do trabalho jornalístico: “como cada produto jornalístico alcança um público-alvo diferente, com maior ou menor nível de informação, cada caso demanda cuidados específicos” (Trigueiro, 2005, p 78).

Uma abordagem reducionista pode se dar, por outro lado, na submissão das redações ao que se convencionou chamar de “critérios de noticiabilidade”, principalmente o critério de atualidade. Pois o agora não abrange o que é relevante socialmente. Essa contradição entre o compromisso social do jornalismo e a criação de critérios que resultam em uma mídia imediatista e superficial se manifesta, segundo André Trigueiro, por exemplo, na cobertura do efeito-estufa pelos meios: “(...) o *timing* do efeito-estufa, que não se resolve num intervalo de horas, dias ou meses. As projeções alcançam para daqui a 50, 100 anos. É o suficiente para que o aquecimento global seja considerado um assunto ‘frio’” (Trigueiro, 2005, p 79).

A mídia se mostra em consonância com os valores da sociedade imediatista causando anomalias como a abordagem negligente de assuntos essenciais para o ser humano e para a sociedade. A característica atual do jornalismo, com o fortalecimento de

notícias via web, com um ritmo acelerado e com a busca por maiores audiências torna-o mais um motivador do ritmo de consumo da vida moderna, colocando a informação com mais um objeto a ser adquirido.

“Algumas questões, como a escassez crescente de água, a progressão geométrica do volume de lixo e o lixo acelerado de desertificação do solo, tornam-se menos interessantes se comparados com outros assuntos que têm o apelo factual, que se resolvem em uma escala de tempo bem definida e respondem aos interesses imediatistas de quem consome a notícia.” (Trigueiro, 2005, p 80)

Assim, o jornalismo imediatista resulta em um excesso de informação que não ajuda a desenvolver um olhar sobre o que é essencial, nem no processo de conscientização por parte das pessoas de si e do mundo. Ele “carece de uma abordagem mais holística, integrada, relacional – em outras palavras: ambiental” (Trigueiro, 2005, p 81). Não ajuda também a construir uma noção crítica de meio ambiente.

Um exemplo disso, apresentado por Trigueiro, é a difusão de programas mostrando a vida selvagem. Estes programas revelam uma espetacularização do meio ambiente e sua utilização para conseguir maiores índices de audiência. A comunidade de Iguape, por exemplo, não destaca da natureza a sua beleza. O que lhe parece mais importante é sim sua riqueza. Não é uma relação de contemplação, mas sim de participação.

Esses programas trazem em si a idéia de que meio ambiente consiste em fauna e flora. Esta conceituação reducionista de meio ambiente esconde uma concepção também simplória de preservação ambiental. A destruição da fauna e da flora é apenas uma pequena parte de um problema que atinge até o subsolo do planeta. A agressão do homem à natureza vai muito além do desmatamento, queimadas, matança de animais. A utilização de produtos

industrializados e bens de consumo também agridem a natureza. É uma forma de vida que agride o planeta. Essa abordagem acaba por alimentar a desconexão que há entre a sociedade e o meio ambiente, pois incentiva a compreensão de que o meio ambiente diz respeito a um lugar distante e não ao meio que nos cerca, fundamentando a negligência com a questão do meio ambiente na vida cotidiana. Através de uma concepção holística de meio ambiente, a cidade, por exemplo, poderia ser vista como um meio ambiente a ser cuidado e preservado. Ou seja, a preservação deve existir em todo e qualquer lugar, pois o meio ambiente é onde vivemos, podendo ser nossa casa, condomínio, ou o planeta.

3. Aspectos Metodológicos: as etapas para a produção de um vídeo no campo ambiental

3. 1. Características do vídeo: educativo e documental

O objetivo do vídeo é levar a comunidade de Iguape a atuar dentro da Reserva Extrativista Marinha criada para seu benefício. Para isso era necessário se fazer conhecer o que é uma Reserva Extrativista e qual o papel da comunidade dentro dela.

Há uma preocupação em ter uma linguagem educativa num do esforço de intermediar a relação da comunidade e as informações legislativas e burocráticas e de inserir um discurso sobre um problema local, sem ser panfletário e fugir do propósito explicativo. Para isso partimos do pressuposto que o vídeo deveria ser curto para evitar dispersão, e ter uma linguagem leve, evitando termos complicados.

A princípio tinha-se pensado em fazer uma explicação aprofundada de conceitos como Unidade de Conservação, preservação ambiental, uso sustentável. Mas percebemos que o conteúdo dessas explicações poderia tornar o vídeo muito burocrático além de que seria difícil encontrar o seu correspondente em imagens. Houve uma redução do conteúdo em prol da forma, tentando tomar cuidado “com uma oralidade que gere sentidos apropriáveis e não afirme um domínio que apenas uma elite técnica pode alcançar plenamente” (Projeto de Educomunicação Ambiental, 2006, p 6).

Mas, por outro lado, tínhamos o objetivo de falar para dois públicos com formações estéticas diferentes. Em primeiro lugar, a comunidade de Iguape, podendo ser utilizado no processo educativo e de construção da Reserva. E depois, as pessoas que não são o público alvo desse processo. Tentamos equilibrar nas escolhas formais e no conteúdo do vídeo esses dois direcionamentos.

Buscou-se esse equilíbrio na forma do vídeo através da câmara mostrando atividades da vida cotidiana, podendo assim ter um valor documental, e do ritmo mais objetivo, com a utilização de textos e depoimentos rápidos, pensando-se na comunidade de Iguape, cuja experiência audiovisual provém, em sua maioria, da televisão aberta.

No conteúdo, se por um lado, para situar esse público mais geral, havia a necessidade de dar informações já conhecidas pela comunidade sem se tornar óbvio e desinteressante, por outro, a universalidade dos problemas de Iguape, a identidade entre esses problemas locais e a questão ambiental na sociedade como um todo tornava possível uma comunicação. Assim parecia possível atingir o público de Iguape no sentido de direcionar alguns momentos para a solução dos problemas que eles já conhecem, e apresentar esse problema para o público em geral, numa tentativa também de ajudar a resolvê-lo com sua exposição. O vídeo funcionando como um meio de sensibilizar para

esse problema específico e para questão ambiental como um todo. A relação de causalidade do problema de Iguape e as necessidades básicas de uma vida urbana, como a energia, e localização histórica da continuação do processo secular de exploração, já registrado oficialmente na história, demonstra a universalidade das questões que atingem Iguape.

Há ainda uma ligação entre os dois públicos na proximidade geográfica: o que acontece em Iguape manifesta o problema social e ambiental do Brasil. A construção da Barragem que tem causado problemas para a comunidade rural está relacionada com o bem-estar e as necessidades dos espectadores urbanos. A necessidade de implantação da Reserva Extrativista para garantir à comunidade de Iguape a manutenção da sua forma de vida extrativista se relaciona diretamente com a manutenção da vida urbana e as estruturas econômicas e industriais do país.

Assim, acreditando no poder da comunicação na construção de uma ética ecológica e de uma consciência abrangente da relação do homem com o meio ambiente, mesmo quem não é diretamente afetado pelo problema de Iguape pode ter consciência da proximidade desse problema:

Assim, independentemente da orientação teórica e política que se adote, a ética ecológica é a *mda* reflexiva que permite que, mesmo inseridos em uma cultura consumista, individualista e de valorização da frivolidade, passemos a questionar esta própria cultura. É neste ponto que entra a educação. (Loureiro, 2003, p 35)

Mas a educação assim como influencia na formação estética e moral dos aprendizes, necessita de uma conformidade com essa formação para ser efetiva. Acreditamos que a possibilidade de atingir os dois públicos se dá na universalidade do tema e do formato.

Mas para despertar o olhar do leigo e para que a experiência dos moradores e suas necessidades se tornassem motivadoras das decisões feitas na Reserva escolhemos mostrar diversas localidades e atividades de Iguape. Também em conformidade com a idéia de Educomunicação Socioambiental:

a qualidade do trabalho de mediação dialógica depende do cuidado de instrumentalização interativa, que significa mediar, documentar e amplificar o intercâmbio de valores. Isso confere ao processo educativo a qualidade indispensável do testemunho das experiências humanas, entre outras qualidades. (Projeto de Educomunicação Ambiental, 2006, p 7).

O uso destes elementos da vida real para exemplificar os conceitos confere ao vídeo seu caráter documental. Segundo a definição de Bill Nichols em “Introdução ao Documentário” há normas que ajudam a distinguir um documentário de um vídeo ou filme de ficção:

(...) o uso do comentário com voz de Deus, as entrevistas, a gravação de som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada em uma cena e o uso de atores sociais, ou de pessoas em suas atividades e papéis cotidianos, como personagens principais do filme. Todas estão entre as normas e convenções comuns a muitos documentários (Nichols, 2005, p 54)

O presente trabalho faz uso de todos estes recursos citados por Nichols, se caracterizando, não obstante seu objetivo educativo e fundamento institucional, um vídeo documentário. Suas imagens são “o testemunho visível da natureza de uma parte específica do mundo histórico” (Nichols, 2005, p 51), ele representa aspectos de um mundo que

compartilhamos e reconhecemos. E a veracidade das imagens e sons, sua origem no mundo real, não contradiz o caráter representativo: “não é uma reprodução da realidade, é uma *representação* do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão de mundo” (Nichols, 2005, p 51).

A construção dessa visão de mundo se dá tanto na seleção dos depoimentos e imagens como na montagem e escolhas dos elementos que compõe o trabalho, como trilha sonora, animações, fotografias e o conteúdo e forma do texto, sendo a voz do narrador fundamental nessa construção, pois ela é o fio condutor do vídeo, desenvolvendo inúmeras funções, tais como: “descrever uma situação ou problema, apresentar um argumento, propor uma solução ou problema, apresentar um argumento e, às vezes, evocar um tom ou estado de ânimo poético” (Nichols, 2005, p 40)

Mas as facilidades que fornecem o uso de elementos documentais, pela sua beleza e atratividade para o público, acompanha a responsabilidade social de representar a realidade da região e as pessoas que ali vivem: “O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social” (Nichols, 2005, p 27). Essa possibilidade de contar a história e de construir um imaginário está o lado do compromisso de buscar beneficiar aqueles que fazem parte dessa realidade e de entrar para essa memória popular de forma que ajude no fortalecimento da cultura e do senso comunitário. Já que, ainda segundo Nichols, escolher um tema para se falar na esfera pública traz reflexões sobre o ato social de falar aos outros e sobre a apresentação de um tópico que seja de interesse comum.

As etapas de produção do vídeo

3.2. Pesquisa temática

A pesquisa temática iniciou-se em reuniões com o Núcleo de Educação do IBAMA para compreender qual era o objetivo do vídeo e entender os conteúdos a serem abordados. Estudou-se documentos oficiais do IBAMA, relatórios de trabalho do NEA, e a legislação sobre o assunto, principalmente o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Segundo o SNUC, as Reservas Extrativistas (RESEX) são unidades de conservação (UCs) de uso sustentável e têm como principal objetivo conciliar a conservação dos recursos naturais com sua utilização, de forma sustentável, pelas comunidades locais. As Reservas Extrativistas Marinhas são aquelas que dizem respeito à gestão da água e atividades pesqueiras.

Paralelo a essas pesquisas vinculadas ao tema específico, foram feitas visitas à videoteca do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB), para se fazer um mapeamento dos vídeos que diziam respeito à região. Foram assistidos vídeos institucionais do IBAMA e também o vídeo “Reservas Extrativistas”, que fala sobre a criação da primeira Reserva Extrativista, com os seringueiros do Acre.

Também se buscou informação sobre a história do Recôncavo, sua relação com o presente e as questões políticas atuais. Conhecer a história da região se mostrou importante também para fazer um mapeamento dos lugares a serem visitados, como ruínas de fortes e igrejas que foram importantes em séculos passados. Para aprofundar também os conhecimentos sobre a natureza, buscou-se compreender como funciona a região de manguezais e como se encontra no Brasil atualmente a preservação desse habitat.

3.3. Produção: do roteiro à edição final

Definido o que deveria ser abordado, foi feito um pré-roteiro com a estrutura geral do vídeo, contendo como essas questões seriam abordadas e a ordem em que apareceriam. Depois foi feita uma viagem de reconhecimento à Iguape, quando se visitou diversas localidades, conversando com a comunidade sobre o vídeo, sobre a Reserva e conceitos como preservação ambiental. Foi feita uma pré-produção para a próxima viagem que já seria acompanhada com o câmera. Definimos os locais e as atividades que filmaríamos e uma parte das pessoas que seriam entrevistadas.

Mas foi durante o processo de filmagem que a comunidade se revelou mais ativa, questionando o papel da mídia, do vídeo e mesmo do IBAMA. Essa vinculação foi feita em diversos momentos. Muitas pessoas quando viam o carro do IBAMA, no qual fazíamos as viagens, aproveitavam as entrevistas para fazer queixas e requisitar uma ação mais efetiva do órgão, pedindo muitas coisas, inclusive dinheiro. Outras aproveitavam para se promover politicamente. Optamos em não colocar nenhum desses eventos no vídeo, para não comprometer sua neutralidade diante das disputas políticas do local, pois poderia desviar o objetivo, prejudicando inclusive sua eficiência como vídeo educativo para a implantação da Reserva.

Foi necessário falar bastante para incentivar a expressão comunicativa dos membros da comunidade, e vencer uma certa resistência geral e intimidação com a câmera e a visibilidade que ela representa. Essa resistência tem, em certa medida, sua origem, em uma revolta contra o papel dos meios de comunicação com relação aos problemas da região. Principalmente as mulheres marisqueiras se recusaram a dar entrevistas já que “a televisão não nos dá nada” – a não efetividade do jornalismo causa incredulidade nos resultados dessa intermediação. Elas alegam já terem dado inúmeras entrevistas sem nunca terem visto nenhuma melhora.

Por outro lado, há uma idolatria dos meios televisivos, uma idéia de que é um espaço para as coisas bonitas. Algumas vezes a comunidade silenciava por vergonha de dizer algo incorreto, de demonstrar o analfabetismo, se eximindo inclusive de exercer seu direito à voz e protesto. Algumas pessoas respondiam diante da câmara que estava tudo bem, simplesmente por ter vergonha de falar da própria pobreza e necessidade.

Essa postura da comunidade revela a necessidade de diálogo. Isso acontece também na reunião do Conselho onde boa parte dos pescadores e marisqueiras desvinculados de lutas sociais, política ou ONGs permaneceu calada, se sentindo pouco à vontade.

O processo de gravação foi fundamental para a composição do vídeo, pois foi nele que foi possível conhecer a comunidade para a qual deveríamos falar. A linguagem a ser utilizada pelo narrador e também as escolhas formais foram ali moldadas. O exercício de explicar nas entrevistas qual era o objetivo do vídeo, de perguntar e discutir sobre a criação da Reserva – a maioria das pessoas sabia pouco ou quase nada do assunto, e tentar explicar para eles o que era a Reserva para compreender melhor o nosso trabalho foi uma prévia do que vídeo deveria fazer.

Na decupagem do material filmado mostrou-se necessário anotar cada imagem, mesmo aquelas que a principio não parecessem interessante e usar os conceitos de planos e movimentos.

Mesmo tendo sido feito com base na decupagem e assistindo o material, o roteiro de edição sofreu muitas mudanças. Foi na edição que se deu a construção do vídeo em si. Foram feitos cortes e mudanças na ordem das sonoras e alterações no texto off. No processo de edição vimos a necessidade de diminuir o texto com explicações de conceitos abstratos, pois deixavam o vídeo longo e lento, além de serem difíceis de associar a imagens da vida real. Vimos também na prática o efeito das imagens: precisa-se dizer

pouco, pois a imagem fala muito. Descrições do habitat foram cortadas por se mostrarem redundantes, pois mesmo certas características que não aparecem na tela estão incutidas no horizonte filmado. Foi feita uma primeira versão vídeo a ser apresentada ao IBAMA. O IBAMA sugeriu que retirássemos alguns depoimentos que estavam redundantes e um OFF sobre o Votorantim, pois direcionava o vídeo para outro foco que não o processo de implantação da Reserva. Como não havíamos conseguido ter acesso à Votorantim para fazer filmagens e essa parte continha fotos da empresa das quais não possuíamos o direito autoral mostrou-se conveniente a retirada do OFF que, a nosso ver, não prejudicou o conteúdo do vídeo com relação a abordagem da questão. Houve a sugestão também de acrescentar no final do vídeo um breve histórico da Reservas Extrativistas no Brasil, que também foi acatado.

4. Considerações finais

Foi um grande aprendizado a realização desse vídeo. Depois de um longo período contrapondo alguns planos iniciais, há uma impressão de que a forma final que o vídeo tomou é a que tínhamos imaginado no princípio. As situações são bem mais complexas do que parece em sala de aula, tanto no que diz respeito ao processo de diálogo com a comunidade, no que se refere à realidade dos problemas a serem abordados e também no processo de montagem de um filme, de argumentar com imagens e depoimentos.

A experiência de trabalhar com uma comunidade, distante da sala de aula, causou decerto receio, mas também muita satisfação. Por mais que se tenha estudado sobre os diversos assuntos relacionados ao projeto para estar seguro ao apresentar as informações, sobre esse processo de inserção para ter uma noção de como se portar diante de pessoas que

possuem uma formação e cultura diferente, na hora em que se está em campo coisas imprevisíveis acontecem. As pessoas se comportam de acordo com suas idiossincrasias e resta a quem está interessado em traçar uma comunicação se moldar a essas diferenças, perceber a reação de cada pessoa diante da situação, diante da câmera, diante das perguntas que são feitas e, tendo como princípio a sinceridade, se adaptar.

Deve-se ter a sinceridade também em não fazer promessas. As pessoas cedem a dar entrevistas mais facilmente quando falamos que aquilo vai ajudar a solucionar seus problemas. E, na verdade, o que se pode garantir é que um vídeo pode ajudar a divulgar esse problema. Se essa expressão que o vídeo vai construir vai trazer melhoras à condição de vida daqueles ali representados não se pode garantir. Aliás, a cada entrevista e localidade que visitávamos, percebíamos a dimensão e complexidade do problema, e como será difícil para aquela comunidade voltar a ter a condição de vida que o progresso lhe tirou.

São muitos os fatores envolvidos nesses problemas ambientais e sociais e também na construção de uma Reserva. A construção de barragens é, por exemplo, um problema que afeta diversas comunidades pelo país e nada é feito simplesmente porque é uma das principais fontes de geração de energia do país. Para que alguma coisa mudasse, seria preciso mudanças na política nacional de geração de energia. Outro fator, já citado, é o sistema burocrático brasileiro que permite que os próprios órgãos públicos tenham ações incompatíveis entre si prejudicando, em última instância, a população cujas necessidades são relegadas a um segundo plano.

As dificuldades no processo produtivo do vídeo em certa medida dizem respeito ao processo criativo de expressar uma idéia em um produto, mas também pelo fato de ter sido feito por uma pessoa e não por uma equipe. Acreditamos que é fundamental na concepção do roteiro a presença de uma equipe encarregada da trilha sonora e computação gráfica.

Pois são elementos que compõe o trabalho assim como o texto, os depoimentos e as imagens e devem ser considerados tão importantes quanto eles.

Por fim, os diálogos estabelecidos com o IBAMA apontam para novos trabalhos no sentido de explicar termos legislativos e elucidar questões relacionadas à preservação ambiental. Esse conteúdo, necessário para construção de uma sociedade sustentável, talvez devesse constar na educação básica. Mas o uso do audiovisual pode ajudar a preencher essa lacuna na educação formal ajudando também na construção de valores comunitários.

5. Referências Bibliográficas

Capra, Frijot. Alfabetização Ecologia: o desafio para a educação no século 21 *in* **Trigueiro, André** (org.). Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 4 ed. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2005. 367 p.

Galeano, Eduardo H. As veias abertas da América Latina. 37. ed. , aum. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 307 p.

Gonçalves, Carlos Walter P., Um pouco de filosofia no meio ambiente *in* Quintas, José Silva (org.). Pensando e Praticando – a educação ambiental na gestão do Meio Ambiente. 2 ed. Brasília: IBAMA, 2002. 204 p. (Coleção meio ambiente. Série educação ambiental).

Loureiro, Carlos Frederico Bernardo. Cidadania e meio ambiente. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003. 168 p. (Construindo os Recursos do Amanhã; v. 1)

Nichols, Bill. Introdução ao documentário; tradução Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005. (Coleção Campo Imagético).

Programa de Educomunicação Socioambiental, (documento em consulta pública). Série Documentos Técnicos nº 2, Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, Brasília

Rodrigues, Ecio; De Paula, Alberto Costa; Medeiros y Araujo, Carla (org.). Roteiros Metodológicos: Plano de Manejo de Uso Múltiplo das Reservas Extrativistas Federais. Brasília: IBAMA, 2004.

Trigueiro, André. Meio Ambiente na Idade Mídia *in* **Trigueiro, André** (org.). Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 4 ed. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2005. 367 p.

Documentos Ambientais

Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global *in* <http://www.mec.gov.br/se/educacaoambiental/tratad01.shtm>

Carta da Terra *in* www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc

Crimes ambientais corporativos no Brasil *in*

<http://www.greenpeace.org.br/biblioteca/toxicos.php>

Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) *in*

www.sabesp.com.br/legislacao/PDF/LF9985.pdf

Anexo

Roteiro

Créditos

Abertura

Imagens de canoas/ e mar

Proa barco – fita 05 2h52'42''

Pessoas e canoa – fita 06 3h27'42'', 18'17'' a 18'25'', 19'12'' a 19'30''

Canoa passando – Fita 02 1h 05'08'' a 1h 05'20''

OFF 1/ Trilha

SITUADA A CENTO E DEZ QUILOMETROS DE SALVADOR/ A BACIA DE IGUAPE É FORMADA PELO ENCONTRO DO RIO PARAGUASSU COM O MAR// QUANDO OS COLONIZADORES PORTUGUESES CHEGARAM AQUI/ DIZIMARAM OS ÍNDIOS TUPINAMBÁS E INICIARAM O CULTIVO DA CANA-DE-AÇUCAR E A IMPLANTAÇÃO DE GRANDES ENGENHOS// COM A FALÊNCIA DESSES ENGENHOS A COMUNIDADE/ PASSOU A TER COMO PRINCIPAL FONTE DE RENDA A PESCA//

Imagens da Baía de Iguape

Zi Estrada e cidade – fita 10 2h 50'03''

Pp Baía de Iguape – fita 10 2h 45'08''

Pp encosta – fita 04 2h15' 30'' a 2h 16' 04''

Zi igreja duas palmeiras – fita 05 3h24'47''

Foto antiga da igreja

Foto Índios tupinambás

Foto cana-de-açucar

Foto engenhos

INSERT Som ambiente

Detalhe marisqueira cavando – fita 01 33'13'' a 33'25''

Pm marisqueira curvada – fita 01 33'00''

Travl três marisqueiras cavando –fita 01 31'42'' a 31'54''

OFF 2/ Trilha

HOJE/ CERCA DE OITO MIL PESCADORES E MARISQUEIRAS/ DEPENDEM DO RIO PARAGUASSU E DOS MANGUEZAIS PARA SOBREVIVER//

Pg duas marisqueiras andando com balde – fita 01 39'19'' a 40'00''
Pg marisqueira de azul pescando – fita 06 20'14'' a 20'35''
Pg diversas marisqueiras pescando – fita 01 32'27''

SONORA

Cássia falta de pescado – fita 01 34'15'' a 34'22'', 36'55'' a 37'03''

Edna siri com ova – fita 02 1h 00'43'' a 1h 02' 00''
Detalhe siri – fita 02 55'40' a 55'50''

INSERT Trilha

Trav barco lixo – fita 04 2h 27' 52'' a 2h 28'34''
Close saco lixo branco – fita 04 2h 28'54''
Close garrafas – fita 04 2h 25'57''
Pg incêndio – fita 04 2h 05'31''
Pg desmatamento – fita 03 1h55'46''

SONORA

Dicinho criação da reserva – fita 06 27'41'' a 28'17''

Carlos toti criação da reserva – fita 12 43'25''

Animação mapa

Gaivota voando – fita 03 2h00'56''
Zo gamboas mangue – fita 06 23'47''
Pg baía (lâmina d'água) – fita 04 2h 08'18'' a 2h 08'22''

OFF 3/ Trilha

OS PRINCIPAIS OBJETIVOS DA RESERVA SÃO PROTEGER FONTE DE RENDA DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS E PRESERVAR O MEIO AMBIENTE EVITANDO AGRESSÕES À NATUREZA//

Pg marisqueira e gaivotas – fita 06 20'58''
Pg canoas e baía – fita 01 22'12'' a 22'55''
Pg marisqueira lenço na cabeça – fita 01 14'14'' a 14'24''
Pg acompanha gaivota – fita 01 23'42'' a 24'12''

SONORA

Seu Rosalvo sobre barragem – fita 09 2h13'02'' a 2h 14'37''

Imagens da Baía

Córrego na encosta – fita 04 2h 15'20''

Foto antiga inundação

Cachoeira – fita 13 15'34''

Menino arraia barco – fita 04 2h32'03'' a 2h32'18''

INSERT trilha

Babi estica rede – fita 06 48'01'' a 48'10''

Lado inverso – fita 06 48'20''

Detalhe costura rede – fita 06 48'29'' a 48'50''

SONORA

Babi barragem solta água – fita 06 52'33'' a 53'22'', 57'23'' a 58'19''

 Zo homens puxando rede – fita 01 15'' a 36''

 Pg mangue e mar – fita 04 2h07'41''

 Zo mão pega caranguejo e geral Babi – fita 06 53'45''

Everaldo – fita 03 1h41'33'' a 1h 41'49''

OFF 4/ Trilha

Zo comunidade de São Roque – fita 04 2h22'41'' a 2h 23'39''

Animação – organograma

A COMUNIDADE PODE ATUAR ATRAVÉS DA ADMINISTRAÇÃO DA RESERVA:
O CONSELHO DELIBERATIVO/ O PLANO DE MANEJO E AS ASSOCIAÇÕES/ QUE
SÃO FORMADAS PELOS MORADORES E RECEBERÃO DO GOVERNO FEDERAL
A CONCESSÃO DO DIREITO REAL DE USO DAS ÁGUAS PÚBLICAS//

Fim da Animação

COM ESSA LEI AS ASSOCIAÇÕES FICAM RESPONSÁVEIS PELAS ÁGUAS DA
RESERVA EXTRATIVISTA PODENDO AUTORIZAR OU IMPEDIR ATIVIDADES
NA REGIÃO/ ALÉM DE INCENTIVAR O TRABALHO COMUNITÁRIO//

Animação organograma

Zo canoa, pegando peixe cais – fita 01 11'49'' a 12'11''

Pm homens carregando cesta (close peixes) – fita 01 12'28'' a 12'48''

Pg segue carroça – fita 01 13'38'' a 14'06''

SONORA

Seu Rosalvo sobre ação comunitária – fita 06 2h28'04'' a 2h28'21''

OFF 5/ Trilha

Animação organograma II

O CONSELHO DELIBERATIVO É PRESIDIDO POR UM REPRESENTANTE DO IBAMA/ SENDO COMPOSTO POR REPRESENTANTES DAS EMPRESAS/ ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS/ AS ONGS/ E COMUNIDADES//

SONORA

Carlos Toti – fita 12 34'25''
Imagens do conselho

OFF 6/ Trilha

É TAMBÉM RESPONSABILIDADE DO CONSELHO ELABORAR E APROVAR SEU REGIMENTO INTERNO E ACOMPANHAR A ELABORAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO DE MANEJO QUE DETERMINA O FUNCIONAMENTO DA RESERVA//

Cidade – fita 06 14'58''
Rua cidade – fita 06 15'16''
Rua cidade – fita 06 17'38''
Homem com rede – fita 10 2h51'40''

OFF 6 fim/segue trilha

Homem com rede andando – fita 10 2h 51'50''
Casa e panelas – fita 03 1h 28' 27''
Panelas em fila – fita 03 1h28'38''

OFF 7/ Trilha

ELE TAMBÉM DEVE DESENVOLVER ATIVIDADES DE CAPACITAÇÃO DOS MORADORES/ AJUDANDO NA PRESERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES PASSADAS DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO//

Cl molda barro – fita 03 1h 24' 23'' a 1h 24'33''
Cl Raspa barro – fita 02 1h 08'24''
Pm Ademir faz panela – fita 02 1h 06' 39''
Pg panelas e folha – 1h27'02'' a 1h27'18''

INSERT Som ambiente

Pg Ademir bate barro – fita 02 1h 21'05''

SONORA

D Antonia – fita 02 1h09'13'' a 1h 10'23''

Ademir – fita 02 1h17'55'' a 1h18'08''

INSERT Som ambiente

Seu Roque bate martelo –fita 04 2h 29' 30''

SONORA

Seu Roque profissão – fita 04 2h32'48'' a 2h 33'24''

Pg seu roque bate martelo e carcaça – fita 04 2h 30'05''

Pan do estaleiro – fita 04 2h 31'38''

Seu Roque

Seu Roque sobre sonho – fita 04 2h41'51'' a 2h42'24''

Zo proa buraco – fita 04 2h 30'51'' a 2h 31' 00''

Pg carcaça – fita 04 2h 31'44''

Pg vários barcos – fita 04 2h29'43''

Pg barco vermelho – fita 04 2h 31'54''

Pg carcaça vermelha – fita 04 2h 31'19''

Zo Seu Roque estaleiro geral – fita 04 2h 29'58''

OFF 8/ Trilha

O PLANO DE MANEJO TAMBÉM PODE AJUDAR A SOLUCIONAR PROBLEMAS
NA COMERCIALIZAÇÃO E NO TRANSPORTE DOS PRODUTOS//

Imagens da feira

Detalhe pesa peixe – fita 37'53''

Pg pesa peixe – fita 06 38'11''

Tr peixe peixe – fita 06 37'33''

SONORA

Dicinho sobre cartel do camarão – fita 01 18'42'' a 19'11''

Zi homem joga camarão – fita 03 1h49'54''

Pg joga camarão para assar – fita 03 1h51'20''

Pg colocando brasa – fita 03 1h51'44''

Pg espalha camarão – fita 03 1h52'44''

INSERT Trilha

Ferve camarão – fita 03 1h49'03''

Camarão e fogo –fita 03 1h53'19''

SONORA

Marcelo – fita 05 3h06'58'' a 3h07'25''

INSERT trilha

Pg amarra piaçava – fita 05 3h18'19''
Pg entra na água – fita 05 3h18'29'' a 3h18'40''

SONORA

Marcelo mostra piaçava – fita 05 3h18'55'' a 3h20'10''

INSERT trilha

Pg casa e árvore – fita 05 2h58'05''
Pg duas canoas – fita 05 2h57'46''

OFF 9/ Trilha

PARA MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA DAS COMUNIDADES/ O PLANO DE MANEJO TAMBÉM PREVER A CONSTRUÇÃO DE NOVAS FONTES DE RENDA/ COMO O TURISMO/ VALORIZANDO O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO RECÔNCAVO ONDE RUÍNAS DO PASSADO RESISTEM AO TEMPO//

Tr forte de salamina – fita 04 2h09'05'' a 2h10'38''
Pg convento ao longe – fita 06 25''
Zi convento santo – fita 06 7'04'' a 7'14''
Pg corredor ruína – fita 06 5'21''
Pg pátio interno pilastas – fita 06 4'49''
Pg corredor interno – fita 06 3'52''
Detalhe 1686 – fita 06 3'39''
Pg convento céu azul – fita 06 7'40'' a 7'50''

Proa barco (sobe som ambiente) – fita 06 8'15'' a 8'29''

OFF 10 (fim da trilha)

Tela preta e letras

AS RESERVAS EXTRATIVISTAS SURGIRAM DA LUTA DOS SERINGUEIROS DO ACRE PELO DIREITO À TERRA E A UM MODO DE VIDA E TRABALHOS DIGNOS// AS RESERVAS EXTRATIVISTAS MARINHAS FORAM CRIADAS PARA PROTEÇÃO DAS ÁREAS TRADICIONAIS DE PESCA UTILIZADAS PELOS PESCADORES E MARISQUEIRAS E TÊM COMO OBJETIVO VALORIZAR A CULTURA/ POSSIBILITAR O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL/ A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DESSAS POPULAÇÕES//

